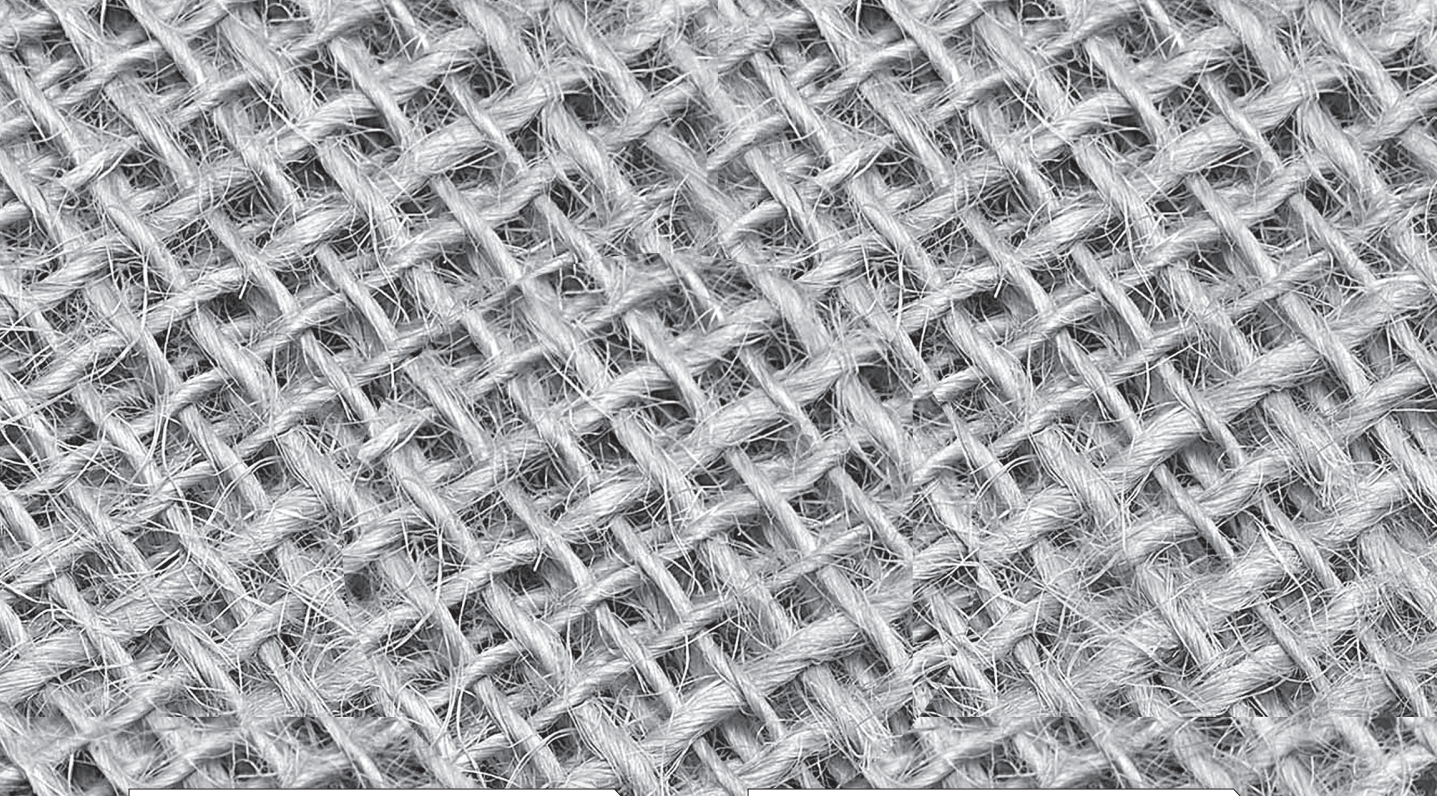
Arte sobre foto de Marcos Santos

O perfil sociodemográfico e de saúde dos retornados mineiros para a região de Governador Valadares

C. Eduardo Siqueira
Sueli Siqueira

Tradução de Saulo Adriano



resumo

Este estudo objetivou ampliar nossas pesquisas anteriores sobre trabalhadores imigrantes brasileiros em Massachusetts e na região em torno de Governador Valadares, fornecendo perfil sociodemográfico e de saúde dos retornados para essa região. Entrevistas realizadas de março de 2014 a maio de 2015 com 141 imigrantes retornados mostram que a maioria dos imigrantes brasileiros trabalhou em Massachusetts em empregos precários, de baixa qualificação no setor de serviços e na construção civil, que demandavam grande esforço físico. No retorno, as suas condições de trabalho e emprego continuaram precárias e os problemas de saúde relacionados à atividade laboral se assemelhavam com os vividos em Massachusetts.

Palavras-chave: migração brasileira; saúde do imigrante; retornados.

abstract

This study aimed to add to our prior research with Brazilian immigrant workers in Massachusetts and the region surrounding Governador Valadares by providing a sociodemographic and health profile of returnees to the area. Interviews conducted between March 2014 and May 2015 with 141 returnees showed that most Brazilian immigrants worked in Massachusetts in precarious, low skill, physically demanding jobs in the service sector and construction. After returning, their work and employment conditions continued to be precarious and their work-related problems were similar to their experience in Massachusetts.

Keywords: *Brazilian migration; immigrant health; returnees.*

Há uma vasta literatura revisada por pares sobre a saúde dos imigrantes nos Estados Unidos; porém, em sua grande parte, ela enfoca os imigrantes hispânicos/ latinos ou asiáticos, com a exceção de uns poucos estudos sobre as condições socioeconômicas ou de saúde dos imigrantes brasileiros nos EUA. Muitos estudos sobre a saúde dos imigrantes descrevem e/ou analisam as condições socioeconômicas e de saúde ou as disparidades em matéria de saúde entre os imigrantes e as pessoas nascidas nos Estados Unidos, e geralmente descrevem as experiências dos imigrantes e as condições de vida no período em que moraram nos Estados Unidos.

Por exemplo, Siqueira e Jansen pesquisaram mais de 500 trabalhadores no leste de Massachusetts, por meio de um projeto de pesquisa participativa comunitária, para explorar os fatores ocupacionais e de imigração que podem representar um risco à saúde dos trabalhadores brasileiros imigrantes, cuja maioria trabalha nos setores da construção civil, limpeza doméstica e alimentação da força laboral do estado (Siqueira & Jansen, 2012). Seu estudo indica que os trabalhadores imigrantes brasileiros estavam expostos a riscos ocupacionais químicos, ergonômicos, físicos e psicossociais, e apresentaram uma variedade de sintomas de saúde que podem estar associados a essas exposições no ambiente de trabalho. Apesar de esse estudo ter retratado as condições socioeconômicas e de saúde dos trabalhadores brasileiros imigrantes em Massachusetts em 2005 e 2006, ele não discorreu sobre o que acontece com tais condições quando os trabalhadores brasileiros retornam aos locais de onde partiram.

Uma lacuna considerável na literatura sobre a imigração para os EUA é a falta de pesquisa sobre as condições socioeconômicas e de saúde dos retornados na condição de um subgrupo específico de imigrantes.

EDUARDO SIQUEIRA é professor associado do College of Public and Community Service da University of Massachusetts Boston (EUA).

SUELI SIQUEIRA é professora da Universidade Vale do Rio Doce (Minas Gerais).

A mesma lacuna se aplica aos retornados brasileiros que regressaram aos milhares ao Brasil – e à região circunvizinha ao município de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais – desde meados da primeira década de 2000.

Sueli Siqueira (2008) realizou um dos primeiros estudos sobre os retornados brasileiros para essa região. Ela fez uma sondagem com 141 e entrevistou 20 emigrantes de Valadares em Massachusetts e Connecticut, em meados da primeira década de 2000. A autora os classificou em dois grupos principais: os que retornaram entre 1998 e 2002 e se tornaram empresários de micros, pequenas e médias empresas, e os emigrantes que nunca retornaram ao Brasil, mas planejam fazê-lo e se tornarem empresários de micros, pequenas e médias empresas em Valadares. Ela concluiu que, enquanto alguns conseguiram economizar dinheiro, retornar e se tornar donos de negócios, muitos voltaram para os EUA por causa de insucessos empresariais ou dificuldades de readaptação às suas cidades de origem. Esses últimos continuaram a sonhar com o retorno para Minas Gerais.

A mesma autora realizou outro estudo entre 2009 e 2011 para pesquisar as condições de saúde dos retornados mineiros que moraram nos EUA por pelo menos três anos, por meio de uma amostra por "bola de neve" de 194 enquetes e 12 entrevistas em profundidade. Ela descobriu que 57% dos participantes tiveram problemas de saúde após o retorno e 33% os tiveram enquanto moravam nos EUA. Apenas 15% tinham um problema de saúde preexistente que se agravou enquanto moravam no exterior. Os problemas de saúde variaram, mas uma minoria significativa desenvolveu sintomas e doenças relacionados ao excesso de trabalho, falta de descanso e alimentação inadequada. Esse estudo apontou que os problemas físicos mais comuns foram indisposições estomacais e dores nas costas; e os problemas mentais mais comuns foram síndrome de pânico, estresse e depressão. Após o retorno, a maioria dos participantes usou o Sistema Único de Saúde (SUS), pois 67% não tinham um plano de saúde privado (Siqueira & Santos, 2013). Eles relataram isso porque enquanto eram imigrantes dedicaram suas vidas ao trabalho, tiveram pouco acesso a serviços de saúde, não queriam perder tempo com consultas médicas, se automedicaram, usaram remédios caseiros e adiaram exames médicos de rotina e tratamentos médicos, e, como consequência, acabaram por desenvolver doenças que são mais graves.

Um estudo realizado por Duarte et al. (2013) sobre o acesso à assistência médica para os brasileiros imigrantes nos EUA mostrou que havia uma série de restrições ao acesso e os custos eram altos. Os imigrantes ilegais – a maioria dos participantes do estudo – consideravam o acesso à assistência médica uma prioridade menor, pois tinham medo de ser identificados e deportados, careciam de informações e precisavam trabalhar por longos períodos. Após voltarem a Minas Gerais, as consequências da falta de assistência médica, jornadas de trabalho excessivas, má alimentação e estresse por serem imigrantes se tornaram evidentes.

Por um lado, esses estudos indicaram que os emigrantes brasileiros não cuidaram bem de sua saúde durante o tempo em que moraram nos EUA. Por outro lado, não há literatura revisada por pares sobre se sua postura muda quando voltam ao Brasil, ou se suas condições de trabalho melhoram. O objetivo deste estudo foi complementar nossa pesquisa

anterior feita com trabalhadores brasileiros imigrantes em Massachusetts e na região de Governador Valadares[1], apresentando um novo perfil sociodemográfico e da saúde dos retornados mineiros que retratasse especificamente as relações entre seu trabalho e suas condições de saúde[2].

METODOLOGIA

As entrevistas foram feitas com 124 adultos com idades acima de 18 anos (81 homens e 43 mulheres). A enquete era composta de 39 perguntas incluídas na pesquisa anterior feita pelos autores (Siqueira & Jansen, 2012; Siqueira & Santos, 2013). Eram, sobretudo, questões estruturadas que abordavam os seguintes tópicos: características sociodemográficas, emigração/imigração e retorno; condições de emprego após o retorno, condições de trabalho após o retorno; e problemas de saúde, doenças e lesões.

Nossa amostra foi de conveniência não probabilística de moradores da região de Governador Valadares que viveram nos EUA por pelo menos três anos antes de regressarem aos seus locais de origem em Minas Gerais. Selecionamos participantes por amostragem do tipo "bola de neve" entre março de 2014 e maio de 2015. As entrevistas duraram em média 30 minutos, mas algumas estenderam-se mais porque os entrevistados precisaram de mais esclarecimentos antes de responder algumas questões. Treze entrevistas duraram mais de uma hora. A maioria das entrevistas foi feita nas casas dos participantes, ao passo que outras foram feitas no local de trabalho, na universidade ou em um local público escolhido em conjunto pelo entrevistador e entrevistado. As entrevistas foram feitas nos seguintes municípios da macrorregião de Governador Valadares: cidade de Governador Valadares (38%), Central de Minas (26%), Engenheiro Caldas (10%), Coroaci (9%), Santa Rita do Ituêto (6%), Quatituba/Itueta (5%), São Geraldo de Tumiritinga/Tumiritinga (4%), Conceição de Tronqueiras/Coroaci (2%), Era Nova/Alpercata (2%)[3].

Foram coletadas informações adicionais das entrevistas por meio de notas escritas às margens do formulário de entrevista. Após a criação de um banco de dados no *software* Statistical Package for Social Sciences (SPSS 22®), oito participantes foram visitados em 2015 para a gravação em vídeo de entrevistas em profundidade, porque tinham informações muito valiosas sobre saúde no que dizia respeito às suas vidas como imigrantes brasileiros nos EUA.

O Comitê de Avaliação Institucional da Universidade de Massachusetts em Boston aprovou o protocolo de estudo em 11 de junho de 2013. Apesar de todas as pessoas contatadas terem concordado em participar do estudo, muitas não concordaram em assinar o Formulário de Consentimento Expresso. Cremos que tal recusa se deu

1 Governador Valadares é o maior município do leste de Minas Gerais. Foi o primeiro município no Brasil a se tornar um ponto de saída de emigrantes, o que teve grande influência nos municípios vizinhos. Por esse motivo, escolhemos a região vizinha a Governador Valadares como limite geográfico para este estudo.

2 Esta pesquisa contou com o apoio da Univale (Universidade do Vale do Rio Doce), da Fapemig (Fundação para o Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e do Departamento de Programas Globais da Universidade de Massachusetts em Boston.

3 As porcentagens somam mais de 100 porque foram arredondadas.

pela falta de familiaridade com o processo usual para a obtenção de um consentimento escrito. Para resolver essa questão, obtivemos o consentimento verbal de quem se recusou a assinar o formulário.

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS RETORNADOS MINEIROS

O projeto de migração marca as vidas das pessoas porque elas vivenciam mudanças significativas em um novo território, caracterizado por novos estilos de vida, hábitos alimentares, relações individuais e em grupo, atividades profissionais, relações sociais, motivações, qualificações, identidades individuais e culturais, clima e língua. As dificuldades de adaptação a todas essas mudanças são muito estressantes e produzem efeitos na saúde física e mental, conforme descreveram Siqueira e Brandes (2015). Seja qual for o projeto de migração – permanecer no país receptor ou voltar ao país de origem, ser legal ou ilegal –, ser um migrante cria um estado de alienamento e desconforto que afeta a saúde da pessoa. Conforme afirmou Sayad (2000), o retorno, mesmo quando desejado, envolve o mesmo alienamento e desconforto vivenciado na emigração. Nas seções seguintes, aplicaremos esse esquema a nossos dados para articular um entendimento mais profundo da interpretação dos participantes de seu retorno.

A Tabela 1 traz um resumo das características demográficas da amostra. A amostra tem uma porcentagem bem maior de homens (65% contra 35%), predominantemente entre 30 e 49 anos (74%) e majoritariamente de Minas Gerais (91%). A maioria tinha ensino fundamental (28%) ou médio (42%). Cerca de metade tinha pouca ou muito pouca fluência no inglês falado e escrito, e 46% informaram ter uma compreensão boa ou muito boa do inglês.

Cinquenta por cento dos retornados entrevistados emigraram de Minas Gerais quando tinham entre 20 e 29 anos, ao passo que 22% o fizeram com idade entre 30 e 39 anos, e 21% com mais de 50 anos. Dois terços chegaram aos EUA entre 2001 e 2005, e 19% entre 1991 e 2000. Apenas 19% moraram nos EUA por mais de dez anos. A duração média da estadia nos EUA foi de 6,5 anos. Os estados da Costa Leste dos EUA foram o destino de quase todos os 124 retornados: 87 moraram em Massachusetts, dez na Flórida, dez em Connecticut, seis em Nova Jersey, três na Carolina do Norte e dois em Nova York. Quase metade da amostra retornou ao Brasil entre 2007 e 2010; 26% entre 2000 e 2006; e 23% de 2011 a 2015. Descobrimos porcentagens semelhantes em relação ao retorno para a região de Governador Valadares, indicando que poucos voltaram para outras áreas do país após chegarem a Minas Gerais. Quase todos os participantes emigraram apenas uma vez para os EUA.

As barreiras mais comuns enfrentadas nos EUA foram a falta de habilidades linguísticas (47%), falta de documentos (27%) e dificuldades de adaptação ao país (12%). Porém, 104 (84%) consideraram suas vidas nos EUA boas ou excelentes. Apenas três imigrantes classificaram suas vidas nos EUA como precárias. Quase três quartos (73%) dos retornados trabalharam no setor de serviços: limpeza doméstica, como auxiliares de garçons, garçons ou na cozinha de bares e restaurantes, e em outros serviços, enquanto os outros 27% trabalharam na construção

TABELA 1

Características sociodemográficas dos retornados mineiros para Governador Valadares, 2014-2015

Variáveis	N.	%
Sexo		
Feminino	43	35
Masculino	81	65
Idade		
18 - 29 anos	14	11
30 - 39 anos	53	43
40 - 49 anos	39	31
>50 anos	18	15
Escolaridade		
4 anos ou menos	9	7
5 - 8 anos	35	28
9 - 12 anos	51	42
>12 anos	29	23
Estado de nascimento		
Minas Gerais	113	91
Espírito Santo	4	3
São Paulo	5	4
Rio de Janeiro	2	2
Fluência no inglês falado		
Muito pouca/ Pouca	63	51
Regular	32	26
Muito boa/ Boa	29	23
Fluência no inglês escrito		
Muito pouca/ Pouca	62	50
Regular	25	20
Muito boa/ Boa	37	30
Compreensão do inglês		
Muito pouca/ Pouca	29	23
Regular	38	31
Muito boa/ Boa	57	46

civil, principalmente na construção habitacional. Os sintomas mais comuns relacionados ao trabalho nos EUA foram dores nas costas, ombros e pescoço, e dor nos pulsos e braços. Trinta por cento relataram irritabilidade, 20% relataram dores de cabeça e 14%, depressão.

DE VOLTA A VALADARES – MELHOR OU PIOR?

Cerca de 50% das pessoas entrevistadas informaram que os motivos do retorno envolveram questões familiares, tais como

saudade da família, doença ou morte de familiares. Algumas poucas pessoas mencionaram outros motivos, dentre os quais o estilo de vida no Brasil, a qualidade de vida ou a necessidade de continuarem seus estudos. Onze pessoas (9%) retornaram por motivos de saúde, ou seja, ficaram doentes nos EUA (por exemplo, câncer, depressão) e tiveram de voltar. Uma em cada sete voltou por ser imigrante em condição irregular (inclusive deportação) ou por ter atingido os objetivos ligados à imigração nos EUA. No geral, 75% consideraram positivo o retorno ao lar, ao passo que 23% acharam que não foi uma boa experiência porque não conseguiram se adaptar à sociedade norte-americana. As maiores dificuldades após o retorno a Minas foram readaptação à vida em suas cidades de origem (36%), adversidades financeiras (17%) e falta de emprego (9%). Por outro lado, 28 pessoas (23%) não enfrentaram nenhum problema após o retorno à cidade de origem e consideraram a volta como uma boa decisão.

Oitenta e oito por cento dos participantes (115) tinham um emprego na época da entrevista, dos quais, diferentemente das condições laborais nos EUA, 73% tinham apenas um emprego. Os setores principais de trabalho eram: 35% no varejo, 14% no ramo de serviços, 9% na agricultura, 6,5% no transporte e 6,5% na educação. Proporções menores trabalharam na construção civil (apenas homens), outros serviços, limpeza de escritórios, etc. Suas ocupações incluíam: vendedores e gerentes de varejo, professores, trabalhadores agrícolas ou donos de negócios. Trinta por cento informaram outras ocupações, como motoristas de táxi, cabeleireiros, açougueiros e motoristas de caminhão. Sessenta por cento trabalharam em seus empregos por menos de cinco anos, 23% entre seis e dez anos, e 16% acima de dez anos.

A maioria dos retornados entrevistados trabalhou por mais de 40 horas por semana (70%) e por cinco ou mais dias por semana (71%). O ambiente e as condições de trabalho nos EUA eram melhores do que em Minas Gerais para 54% e pior para 31% dos entrevistados. Os salários também eram piores em Minas para 70% dos participantes. Sessenta e três por cento recebiam entre um e quatro salários mínimos, e apenas sete pessoas ganhavam mais de dez salários mínimos[4]. Cerca de dois terços dos entrevistados eram os que mais contribuíam para a renda familiar, considerada pela maioria (89%) suficiente para suprir as necessidades da família. A maioria das famílias tinha de três a quatro membros, seguidas de famílias com um a dois membros, e moravam em casas (82%) de propriedade do respondente (72%).

PERFIL DE SAÚDE DOS RETORNADOS MINEIROS

Para fazer uma comparação entre a saúde dos participantes quando em Massachusetts e após o retorno a Minas Gerais, fizemos perguntas sobre suas condições de saúde especificamente voltadas para os sintomas, lesões e doenças relacionados ao trabalho. Os sintomas relacionados ao trabalho mais comuns informados pelos retornados

4 Usamos o valor do salário mínimo de janeiro de 2015, que era de R$ 1.788,00. O valor do dólar do salário mínimo em janeiro de 2015 era R$ 2,98. O salário mínimo médio entre março de 2014 e março de 2015 era R$ 739,00. O valor médio do dólar durante o mesmo período foi: 1 dólar = R$ 2,50.

enquanto estavam nos EUA foram fadiga e exaustão (64%) e irritabilidade (31%). Além disso, eles relataram dores musculoesqueléticas, provavelmente associadas a movimentos repetitivos, posturas desconfortáveis e esforço físico: dor nas costas, braços, pernas, mãos, pescoço e pés. Por fim, os trabalhadores imigrantes brasileiros também mencionaram depressão, insônia e problemas respiratórios.

Oito por cento dos respondentes classificaram seu estado de saúde como bom ou excelente após o retorno; porém, cerca de 23% informaram que tiveram uma lesão ou doença após voltarem. Um terço respondeu que havia aspectos nos seus ambientes de trabalho em Minas que podem ter afetado sua saúde, tais como exposição a produtos químicos tóxicos, temperaturas altas, barulho e trabalho acima do chão em locais elevados, como em canteiros de obras. Vale destacar que 17% relataram que as tarefas e atividades de seus trabalhos os expunham a riscos musculoesqueléticos e objetos cortantes que poderiam causar cortes ou lacerações. Somente três pessoas mencionaram problemas mentais após seu retorno.

CONCLUSÃO: OS RETORNADOS MINEIROS ESTÃO MELHOR EM CERTOS ASPECTOS E PIOR EM OUTROS

Como a grande maioria dos retornados emigrou para Massachusetts e a maioria dos imigrantes brasileiros entrevistados no passado em Massachusetts eram de Minas Gerais, há boas razões para compararmos os achados deste estudo com aqueles de nossa pesquisa anterior. Assim, com exceção da predominância desproporcional de homens em nossa amostra, todas as outras características sociodemográficas mostradas na Tabela 1 são semelhantes aos nossos achados anteriores sobre imigrantes brasileiros em Massachusetts (Siqueira, 2008).

O autor espanhol Achotegui (2008) descobriu em seus estudos sobre a saúde dos imigrantes que um dos fatores principais ligados à enfermidade é o estresse causado pelo alienamento, solidão e medo. Estes fatores de estresse acarretam problemas físicos e mentais. Os retornados mineiros em 2014-2015 tiveram em Massachusetts os mesmos tipos de ocupações dos entrevistados em 2005-2006 e foram expostos aos mesmos riscos ocupacionais e condições de trabalho. Este achado indica que por quase uma década os imigrantes brasileiros trabalharam nos mesmos empregos precários, fisicamente duros e de baixa qualificação no setor de serviços e da construção civil. Muitos disseram que gozavam de boa saúde, trabalhavam também por longos períodos e sentiam-se tensos.

Assim, não é nenhuma surpresa que os sintomas de saúde, lesões e doenças que os afetaram em Massachusetts sejam comparáveis. Uma exceção significativa foi o número bem menor de relatos de problemas de saúde mental em Minas Gerais, o que aponta para níveis mais baixos de estresse ligados a barreiras linguísticas, medo de deportação (especialmente para os ilegais) e a importância dos laços familiares e redes sociais para a saúde e o bem-estar (RWJ, 2006).

Após os mineiros voltarem para casa, voluntária ou involuntariamente, a maioria percebeu que a vida e as condições de trabalho nos EUA eram melhores, o desemprego menor e os salários bem mais altos

do que em Minas. Contudo, alguns não se arrependeram de terem voltado para casa. Problemas musculoesqueléticos ainda eram as principais queixas de saúde relatadas, possivelmente uma consequência da soma das exposições dos trabalhos anteriores nos EUA com os trabalhos atuais no setor de serviços em Valadares. Porém, apenas poucos continuaram a trabalhar na construção civil em suas cidades de origem, o que indica que os trabalhos dos imigrantes são determinados pela estrutura dos mercados de trabalho locais. Um trabalhador da construção civil em Massachusetts não trabalhava com construção na região de Valadares antes da migração, assim como uma faxineira em Massachusetts também não limpou casas após retornar. A pesquisa sobre o mercado de trabalho para os retornados brasileiros fornece indícios de que os baixos salários e o baixo *status* social desses trabalhos no Brasil não os tornam atraentes (Margolis, 1994; 2013; Sales, 1999).

Segundo Sayad (2000), retornar faz parte do projeto de migração, que pode mudar durante a jornada. As pessoas podem antecipar seus retornos e o projeto pode nem mesmo se tornar realidade. Retornar em condições econômicas melhores do que antes da ida é a esperança tanto de quem fica quanto de quem emigra. Segundo os retornados entrevistados, a resposta à questão sobre se a região de Valadares é melhor ou pior que Massachusetts depende de uma variedade de fatores. Comparar os aspectos econômicos, como a renda obtida nos EUA, jornadas de trabalho, pagamento semanal e o valor alto do dólar quando convertido para o real, indica que é muito vantajoso trabalhar nos EUA. Porém, vários retornados consideraram que há outros ganhos relacionados a permanecer nas cidades de origem. Eles mencionaram o estresse, a solidão e o baixo *status* socioeconômico dos imigrantes como desvantagens, que podem acarretar doenças.

A intenção de nosso estudo não foi chegar a generalizações sobre todos os retornados mineiros porque nossa amostra é de conveniência. Contudo, nossos dados indicam que cargas de trabalho pesadas em empregos com alto grau de exigência, o estresse relacionado ao *status* do imigrante e a necessidade de trabalhar por muitas horas por semana confirmam alguns dos achados anteriores (Duarte, Escrivão Jr. & Siqueira; Siqueira & Santos, 2013). Aparentemente, os mesmos problemas de saúde relacionados ao trabalho enfrentados em Massachusetts continuaram após o retorno, o que nos leva a concluir que houve pouca mudança em suas condições de trabalho.

Os dados coletados podem ser parciais por conta do viés de memória ou autorrelato, pois entrevistamos tanto pessoas que haviam retornado recentemente como também outras que voltaram uma década antes do período de nosso estudo; ademais, não coletamos informações de diagnóstico clínico sobre doenças e lesões, nem fizemos perguntas sobre o acesso à assistência médica, porque outros estudos já trataram dessa questão (Duarte, Escrivão Jr. & Siqueira, 2013).

BIBLIOGRAFIA

ACHOTEGUI, J. "Migración y crisis: el síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (Síndrome de Ulises)", in *Avances en Salud Mental Relacional* 7 (1), 2008, pp. 1-22.

DUARTE, N. de A.; ESCRIVÃO JR., A.; SIQUEIRA, S. "O Acesso a Serviços de Saúde por Emigrantes Brasileiros nos Estados Unidos", in *Saúde & Sociedade* 22 (2), 2013, pp. 365-376.

MARGOLIS, M. *Little Brazil: An ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. NovaJersey, Princeton University Press, 1994.

_____. *Goodbye, Brazil: Emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo, Contexto, 2013.

ROBERT WOOD JOHNSON FOUNDATION. *Living in America: Challenges Facing New Immigrants and Refugees*, agosto de 2006. Disponível em: http://www.rwjf.org/en/library/research/2006/08/living-in-america.html.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Cortez, 1999.

SAYAD, A. "O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante", in *Travessia*, 13, 2000, pp. 7-32.

SIQUEIRA, C. E.; JANSEN, T. "Updating Demographic, Geographic, and Occupational Information on Brazilian Immigration to the United States: The Case of Massachusetts", in C. Jouët-Pastré; L. J. Braga (orgs.). *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. 1ª ed. Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 2008, pp. 105-24.

_____. "Working Conditions of Brazilian Immigrant Workers in Massachusetts", in *Journal of Immigrant and Minority Health*, 14 (3), 2012, pp. 481-8.

SIQUEIRA, S. "Emigrants from Governador Valadares: Projects of return and investment", in C. Jouët-Pastré; L. J. Braga (orgs.). *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. 1ª ed. Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 2008, pp. 175-94.

SIQUEIRA, S.; SANTOS, M. H. "Condição de Saúde do Emigrante no Retorno para sua Terra Natal", in *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 40. Brasília, ano XXI, jan.-jun./2013, pp. 131-50.

SIQUEIRA, S.; BRANDES, L. A. "Migração e Retorno: Implicações Psicológicas da Experiência Migratória", in L. de Dias; A. de Lucena (orgs.). *Migrações Internacionais e Políticas Públicas: Goianos(as) no Mundo*. Goiânia, UFG, 2015, pp. 173-90.